

# Momento Feminino

Ano VI — N.º 100 — Maio, Junho e Julho — Cr\$ 2,00

*Carla*  
25 de Julho — Sexto aniversário de MOMENTO FEMININO

# Reuniu-se em Budapeste, o CONSELHO MUNDIAL DA PAZ



D. Branca Fialho, presidente da Federação de Mulheres do Brasil, membro do Conselho Mundial da Paz, dirigiu a delegação brasileira que prestigiou os trabalhos dessa importante organização internacional.

EM sua última reunião, realizada há pouco em Budapeste, o Conselho Mundial da Paz decidiu lançar uma grande campanha, extensiva a todos os países, em prol de quaisquer negociações que tenham em vista fazer cessar as guerras em curso e solucionar as divergências internacionais.

Passando em revista a situação atual, concluiu que os acontecimentos dos últimos meses reforçaram na consciência dos povos a convicção de que é possível uma solução pacífica de todas as pendências e dificuldades existentes no âmbito internacional.

«Cada povo tem direito a escolher livremente seu modo de vida e o dever de respeitar os que, livremente, o escolheram. Nesta base é possível a coexistência pacífica dos regimes diferentes e as relações entre os povos tornam-se benéficas para

todos» — diz a declaração aprovada em Budapeste. Assinala ainda que o armistício na Coreia, «um prelúdio da paz, deve ser concluído, imediatamente, na base dos acórdos já estabelecidos. Toda nova demora acumula calamidade, ruínas e sofrimentos». Acrescenta que a negociação modificará o curso dos acontecimentos e que a

Organização das Nações Unidas, fiel ao espírito de sua Carta, pode ser o instrumento dessa modificação.

«Só os povos, conclui, mediante uma ação constante, podem impôr a negociação, a conciliação e a paz».

A base desse documento, o Conselho Mundial da Paz dirigiu o seguinte:

## Apêlo aos Povos

«Nasceu uma grande esperança. Cada homem vê agora que o acôrdo é possível. Pode-se pôr fim à matança. Pode-se pôr termo à guerra fria.

Nesta hora, conclamamos solenemente os povos a que exijam de seus governos que negociem e cheguem a um entendimento.

Cabe-nos a todos apoiar toda iniciativa — seja qual for o governo de onde parta — tendente a resolver os conflitos por meios pacíficos. Cumpra a todos nós derrotar as ações dos que impedem ou retardam o acôrdo.

## Foram Assassinados...

FORAM friamente assassinados, numa noite de junho, enquanto lá fora, espalhados por todo o mundo, milhões de seres humanos não podiam acreditar em tamanha monstruosidade, enquanto duas crianças pediam entre soluços aquilo que é seu — papai e mamãe — numa cadeira elétrica da tenebrosa prisão de Sing-Sing, um homem e uma mulher cujo único crime foi desejar a paz para a humanidade e uma ciência dedicada ao progresso e não à barbárie. Julius e Ethel Rosenberg pagaram com suas jovens vidas o «crime» de não concordarem com a loucura dos novos incendiários de guerra. Sua condenação e execução pôs por terra a tão afamada «democracia» norte-americana — vimos juízes que desrespeitaram a Constituição, que apesar da absoluta falta de provas, dos protestos de inocência de Julius e Ethel até o momento mesmo da execução, ficaram impassíveis diante do crime que se ia cometer. O presidente Eisenhower, indiferente ao clamor público que se desencadeou em todo o mundo, horro-

rizado ante a injustiça que se iria praticar, num gesto de desprezo ante essa opinião mundial, que se estendeu desde o Papa Pio XII que lhe pediu clemência, até as Câmaras Legislativas de nosso país e de outros, às greves de protesto, às grandes concentrações populares da França e da Itália, aos milhões de telegramas e cartas que lhe chegaram às mãos, permitiu que o assassinio fôsse praticado.

Michael e Robby, as duas crianças que ficaram órfãs do carinho materno, sentiram na própria carne o desespero de um governo que prepara a guerra, que rasga em pedaços a Constituição do seu próprio país, que despreza os outros povos.

O sacrifício do casal Rosenberg, porém, através da gigantesca campanha que mobilizou todas as pessoas honestas, em todo o mundo, não foi em vão. Servirá como um poderoso reforçamento da imensa vontade de paz de todos os povos, que conseguirá impedir uma nova guerra e novos sacrifícios de amantes da paz.



JULIUS E ETHEL ROSENBERG

### DE TÓDAS AS FORMAS, AS MULHERES PROTESTARAM

No Brasil, de norte a sul, nas grandes cidades, em pequenos municípios, ergueu-se a voz de protesto das mulheres contra o crime que se iria cometer.

No D. Federal, orientadas pela Associação Fem do D. F., cuja voz se fêz ouvir logo após a 1ª condenação, várias comissões de associadas dirigiram-se à Embaixada Americana para exigir a libertação dos Rosenberg. Cartas foram enviadas ao presidente Eisenhower no mesmo sentido. Em frente à sede

da Embaixada, mais de 50 mulheres se concentraram e fizeram entrega ao embaixador de um pedido de clemência. Ostentavam elas cartazes alusivos, que foram depois depositados numa das praças do centro da cidade. Inúmeras comissões se dirigiram à Câmara Federal, ao Senado, à Câmara de Vereadores, onde obtiveram o apoio de vários representantes para a campanha em favor dos Rosenberg. Num grande ato público que se realizou na ABI, foi denunciada enérgicamente a monstruosidade jurídica que re-

(Conclui na pág. 3)

## A Última carta de Ethel a seus filhos

Meus queridos garotos:

Isto que se chama "agüentar firme" é duro, não há nenhuma dúvida. Mas não podemos nos deixar humilhar por um bando de pintos, não é isso mesmo? Lamentei mais tarde não me haver lembrado do "exemplo dos pintos", como vocês lembraram em sua última carta, porque isto os teria consolado no momento de nossa separação.

Talvez vocês também tivessem pensado que eu também não tive vontade de chorar quando nos beijamos na despedida. Talvez vocês tenham pensado que eu não era bastante sensível, no momento em que a emoção de vocês exigia uma resposta de acôrdo com ela.

Meus queridos, isto teria sido fácil para mim, muito mais fácil, e tive de resistir a uma verdadeira tentação para não seguir o exemplo de vocês, para não fazer como vocês. Como disse, isto teria sido muito fácil, mas não adiantaria nada a ninguém. Tive então de afrontar a dificuldade em vez de evitá-la, porque eu amo vocês mais que a mim

mesma e porque sei que vocês precisavam mais do meu amor do que eu tinha necessidade do alívio dado pelas lágrimas.

Em vez de chorar, tranquilizei vocês como pude durante os momentos que nos restavam e prometi escrever. Há uma coisa que eu gostaria que vocês soubessem. Os beijos entre papai e eu existem embora neste instante não possamos trocá-los.

E embora fôsse agradável poder fazê-lo, é somente na medida em que os pais podem-se comunicar entre si e comunicar as seus filhos a força e a coragem necessárias para fazer frente aos problemas e "agüentar firme", quando preciso, é somente nessa medida que as pessoas se amam de verdade.

Eu sei, meus amores, que uma explicação dessas não pode substituir o que nos faltou e aquilo a que esperamos voltar, e não é absolutamente o que eu tenho em vista. O que eu posso dizer é que devemos ser calmos e não cair em pânico para melhor podermos nos ajudar a atravessar esta prova.

Continuarei a escrever depois da visita de papai desta manhã, mas enquanto isto mando esta carta inacabada.

Todo o meu amor e todos os meus beijos. — Mamãe.

MOMENTO FEMININO

# UM JORNAL QUE DIZ A VERDADE

25 de Julho de 1953

Momento  
Feminino

6  
Anos!



## Um Crime Monstruoso

(Conclusão da pág. 2)

presentava o processo do casal Rosenberg.

Após a execução, a AFDF, em comissão depositou uma coroa de flores em frente à Embaixada Americana e durante vários dias, mulheres depositavam flores na Estátua da Liberdade.

Uma semana depois, uma grande concentração teve lugar na escadaria da Câmara de Vereadores, por iniciativa da Associação Feminina. Fizeram-se ouvir quatro oradoras, além de um vereador, perante um público de cerca de 500 pessoas. Inúmeros cartazes protestavam contra o assassinato e um retrato do casal Rosenberg era empunhado, coberto de crepe.

Em **CORNÉLIO PROCÓPIO**, cidade do norte do Paraná, inúmeros protestos foram feitos. No centro da cidade, foi pendurado um boneco, simbolizando Eisenhower, assassino do casal Rosenberg, que foi depois queimado pela garotada. Um abaixo assinado foi-nos remetido, para a nossa redação, em que se faz sentir a repulsa enérgica de inúmeras mulheres. Assinam esse protesto as sras.: Jamile Adad, Hulda G. Begara, Odalina Rodrigues, Baria da Luz Silva, Emília B. Araujo, Elena M. Rani, Amélia F. Cardoso, Maria José Brelecki, Almira Maciel Medeiros, Josefina Maciel, Ana Rayacovitch e Mariana Maria Leachi.

O MÊS de julho assinala uma data querida para as mulheres do Brasil, que desejam um futuro feliz para seus filhos e lutam pela conquista de seus direitos — comemora-se mais um aniversário de «MOMENTO FEMININO», o único órgão de imprensa feminina democrática, que luta através de suas páginas pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, que protesta contra as violências e as arbitrariedades que atingem as liberdades democráticas, que diz a verdade sobre a pátria do socialismo e orienta as mulheres no caminho de lutas que as conduzirá à paz e à independência nacional.

A 25 de julho de 1947 aparecia pela primeira vez no Brasil um jornal feito inteiramente por mulheres, financiado pelas próprias mulheres, por elas vendido de casa em casa, que ao contrário, dos suplementos femininos dos grandes jornais diários, que só publicam matéria de interesse do lar, que só cuidam de modas ou de bordados, querem além disso, elevar a mulher ao lugar que lhe compete na sociedade, levá-la a participar ativamente na luta por melhores dias, contra os salários de fome, contra a carestia sempre crescente, contra a ameaça de envio de nossos jovens para guerras injustas, pela vida das crianças, contra as alarmantes taxas de mortalidade infantil.

Ano após ano, superando todas as dificuldades que iam surgindo, cada vez maiores: a impressão mais cara, o papel, os clichês, os fretes para a expedição, as dívidas dos representantes, os impostos crescentes — nenhuma vez se calou a voz de «MOMENTO FEMININO». Em todos os grandes acontecimentos do movimento feminino democrático de nossa pátria — nos Congressos de Mulheres, nas Convenções, nas Assembléias Regionais e agora, nesse memorável Congresso Mundial de Mulheres — sempre esteve presente «MOMENTO FEMININO».

Ele é o reflexo vivo da vontade inquebrantável de luta das mulheres brasileiras, que não se deixam vencer pelos obstáculos. Sua existência nesses seis longos anos é a prova material da firmeza de sua luta em defesa da paz para todos os povos, por mais pão para seus lares, por um Brasil próspero e feliz, com um governo que lhes garanta os direitos democráticos e a independência nacional.

E o carinho das mulheres, sua compreensão profunda da importância e da necessidade de um jornal como «MOMENTO FEMININO» que garanta a sua existência. É uma massa enorme de mulheres modestas, obscuras, que de porta em porta, nas feiras, nas festas, vai levando cinco, dez exemplares de «MOMENTO FEMININO» e assim divulga o seu jornal. São as rifas, as assinaturas, as festinhas, os círculos de amigos, o pagamento em dia dos jornais recebidos — é isso que garante a existência de um jornal feminino democrático em nossa terra.

Mas, sua simples existência não basta. É preciso que saia com regularidade, pelo menos uma vez por mês, para que possa levar às mulheres brasileiras a palavra esclarecedora sobre os inúmeros problemas que as preocupam e que surgem a cada dia que passa.

E como conseguir isso, se cada edição custa cerca de 20 mil cruzeiros? Se o preço do exemplar é de apenas 2 cruzeiros e nós o vendemos com 30% de abatimento? Se as dívidas dos representantes atingem mais de 30 mil cruzeiros? Se não temos, como os grandes jornais e suplementos femininos da burguesia, capitalistas que nos financiem com seus anúncios polpudos ou suas matérias pagas?

Só de uma maneira nós o poderemos conseguir: à medida que aumentar a ajuda que nos é dada pelas próprias mulheres, a quem pertence «MOMENTO FEMININO». É preciso que aumente o número de círculos de amigas, que as contas estejam rigorosamente em dia, que se eleve o número de assinantes, que se multipliquem as iniciativas financeiras de ajuda ao nosso jornal.

Não é só isso, porém. Precisamos também melhorar o conteúdo de «MOMENTO FEMININO». Fazer que reflita realmente os anseios de paz das mulheres do Brasil. É preciso, portanto, que as leitoras lhe enviem suas críticas, suas opiniões e sugestões, suas colaborações. É preciso que lhe enviem mais reportagens e noticiários, sobre qualquer acontecimento que interesse às mulheres. É preciso que participem mais da própria confecção do jornal. Só assim ele corresponderá aos seus anseios e refletirá suas preocupações.

Essas, amigas leitoras, a maneira como devemos comemorar o sexto aniversário de «MOMENTO FEMININO»: reforçar nossa ajuda financeira, pagando em dia as nossas dívidas, criando novos círculos de amigos, promovendo novas iniciativas. Por outro lado, intensificando nossa colaboração, com a redação do jornal, enviando mais reportagens, fotografias, noticiário.

Assim garantiremos a existência do único jornal feminino democrático existente no Brasil!

FANNY TABAK

# UNIDAS, NÓS QUE REPRESENTAMOS UMA FÔRÇA IMENSA,...

De 5 a 10 de junho passado reuniram-se em Copenhague mulheres de 70 países, num total aproximado de 2 mil representantes, para trocarem suas experiências de luta em defesa de seus direitos, da vida de seus filhos, da paz mundial. Espetáculo impressionante na sua grandeza, pela variedade de línguas e trajes típicos, o Congresso Mundial de Mulheres se realizou sob o signo da fraternidade entre os povos, ali representados por milhares de mães, noivas, esposas e irmãs. Constituiu também um exemplo vivo do alto senso de responsabilidade de que se sente investida a mulher, ao defrontar-se com as graves questões que afetam a humanidade e interferem na efetivação de seus direitos e na defesa de seus filhos. Suas resoluções assinalaram: é possível à mulher — de todos os pontos da terra, de tôdas as raças e religiões — conquistar seus direitos e ganhar a paz. Mas para isso é necessário que esteja unida, tornando concreta a força imensa que representa.

## BANDEIRAS DE TODO O MUNDO — SÍMBOLOS DE PAZ

Num imenso estádio, em Copenhague, cercadas do interesse e do carinho do povo dinamarquês, as mulheres de todo o mundo se reuniam num vasto salão, decorado com flores e grandes painéis, onde sorriam, de mãos dadas, crianças de tôdas as raças. Ao fundo, por trás do «presidium» onde ficavam as dirigentes das grandes organizações femininas, bandeiras de todos os países simbolizavam o espírito que presidia o conclave: a fraternidade entre os povos. Bandeiras idênticas cercavam todo o estádio. Entre elas, a nossa — a bandeira do Brasil.

Em ambiente de grande emoção e entusiasmo as delegadas se sucediam na tribuna durante êsses cinco dias memoráveis.

Uma mãe holandesa, cujo filho se encontra ainda na prisão porque se recusou a lutar contra o povo indonésio, recebe o abraço de outra mãe indonésia, que, vestida em seu traje típico, trouxera consigo ao conclave seu filho pequenino. Os símbolos nacionais da Coréia, do Viet-Nam e da Malásia eram homenageados. Suas delegações não se encontravam presentes porque os governos ocidentais não lhes concederam vistos. Uma das três delegadas que arrostaram o terror salazarista fala à assembléia sobre a dura luta da mulher portuguesa para viver uma vida digna. Mulheres do Irã contaram ao plenário que meninas de 8 anos são vendidas aos maridos, em seu país. Representantes da Ásia, da Europa, da América, traziam àquela tribuna a voz de seus continentes.

## NOS PAÍSES ONDE A MULHER SE LIBERTOU

As maiores delegações eram a soviética, a francesa, a chinesa e a italiana. Dezesete países da América Latina estavam representados.

Despertaram interesse especial da assembléia as intervenções das representantes da URSS e dos países de democracia popular. O que disseram ao conclave podia ser facilmente comprovado pela composição de suas delegações: naqueles países a mulher ocupa os mais altos postos na administração do Estado, conquistou o exercício pleno de seus direitos. Seus filhos são cercados pela proteção dos governos. Mas um traço comum de luta une essas mulheres a suas irmãs de todo o mundo: a necessidade de manter a paz, porque a ameaça de guerra é também uma ameaça a seus lares e a seus direitos.

## LÁ ESTAVAM 17 BRASILEIRAS

Dezesete representantes do Brasil relataram nesse grandioso encontro fraternal o esforço e as lutas de suas irmãs brasileiras

em defesa de seus direitos, em auxílio da infância abandonada, para impedir que seus filhos sejam arrancados de seus braços a encontrar a morte nos campos de batalha.

Quatro representantes operárias de São Paulo — Lucinda de Oliveira, Inês Augusto, Alaide de Assis e Esmeralda Gomes — e Maria Rocha, de Juiz de Fora, falaram na Comissão de Direitos Econômicos sobre a luta da mulher trabalhadora por seus direitos e melhores condições de vida. Na Comissão de Defesa da In-

★

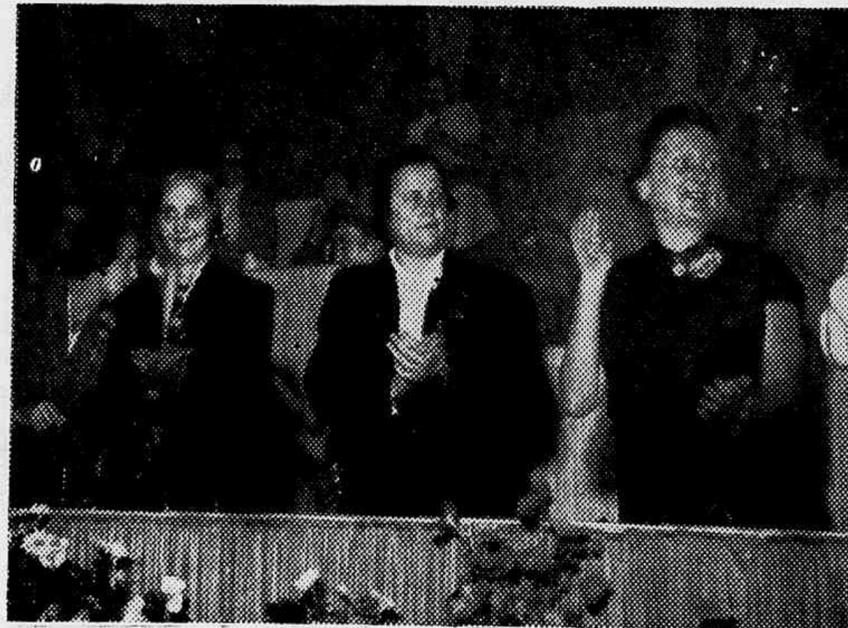
D. Odite Saldanha, presidente da delegação brasileira, atraiu a atenção da assembléia ao relatar o grande esforço das mulheres de seu país pela sua emancipação, e a maneira ativa por que participam das grandes lutas do povo para obter melhores salários e vida mais barata. Na mesa, ao seu lado, vemos a placa que indica o local destinado às trinta delegadas chinesas, alvo de vivo interesse das delegações.

★



fância a representante da União dos Servidores e a Sra. Irene Wanderley falaram sobre a dura situação da criança no Brasil.

No plenário, D. Odite Saldanha, da Federação de Mulheres do Rio Grande do Sul, falou no 1º ponto da ordem do dia: «Direitos da Mulher». Destacou diante da assembléia o esforço da mulher brasileira para conquistar seu direito ao trabalho, para obter salários iguais aos dos homens, para ter acesso aos postos superiores que lhe permite sua capacidade; assinalou a participação da mulher trabalhadora e das donas de casa nas grandes lutas do povo brasileiro por vida mais barata e melhores salários. Grandes aplausos marcaram o trecho de seu discurso que ressaltava



Mme. Cotton, a querida presidente da F.D.I.M., Nina Popova, presidente do Comité Anti-Fascista de Mulheres Soviéticas, e Mônica Felten, da Inglaterra. As 30 representantes soviéticas constituíram o grande centro de atenção do Congresso, por sua simplicidade e gentileza. Entre elas figuravam jornalistas, escritoras, operárias, colcosianas, engenheiras — e uma criatura amável e modesta, Vice-Ministro da Cultura do imenso país socialista.



Com seus interessantes trajes típicos, as indianas constituíram uma das grandes atrações do Congresso. Manorama Satin, Secretária da Organização de Mulheres de Manapura, Benarés e Pankaj Acharya, da Organização de Mulheres de Bengala de Oeste, enviaram, por intermédio de «MOMENTO FEMININO», uma calorosa saudação às mulheres do Brasil.

a participação das mulheres operárias nas grandes greves do Pará, Recife, Distrito Federal e São Paulo. As delegadas operárias presentes ao Congresso Mundial de Mulheres, eleitas por ocasião do memorável movimento grevista de São Paulo, foram demoradamente aplaudidas.

### ELISA NO CONSELHO DA F. D. I. M.

Elisa Branco, a heróica mãe brasileira, símbolo da luta de nossas mães contra o envio de tropas para a Coréia, falou no ponto reservado à «Defesa da Paz e da Infância».

Aplaudida várias vezes pela assembléia, que a ovacionava de pé, contou como a mulher brasileira defende a vida de seus filhos participando de grandes campanhas em defesa da paz, contra o envio de tropas para a Coréia, contra o Acôrdo Militar com os Estados Unidos.

A sra. Matilde Garcia Rosa, representante da União dos Servidores Públicos Civis, falou no plenário sobre a situação da infância em nosso país e o esforço das funcionárias públicas para obter creches para seus filhos.

As representantes do Brasil, alvo de interesse especial das demais delegações pelo relato de suas lutas, participaram de intenso programa de visitas. As delegadas operárias visitaram fábricas e foram homenageadas num Sindicato têxtil. Ao lado de outras delegações, as representantes brasileiras compareceram a uma recepção, onde tiveram oportunidade de agradecer às mulheres dinamarquesas o carinhoso acolhimento que ofereciam às delegações estrangeiras. Dois números de música popular brasileira foram cantados pela delegação do Brasil. A conhecida compositora e pianista Eunice Catunda executou uma composição de Camargo Guarnieri, vivamente aplaudida.

Nossas delegadas retribuíram também, com os nossos apreciados objetos de fabricação popular, as lembranças carinhosas que receberam das delegações irmãs.

Elisa Branco, eleita na sessão de encerramento para o Conselho da F. D. I. M. — ao lado dos nomes ilustres de Nina Popova, Monica Felton e outras mulheres eminentes — falou também num grande «meeting», que reuniu milhares de pessoas num parque de Copenhague. A heroína brasileira não falou apenas nessa ocasião em nome de seu país: foi escolhida para representar as delegações latino-americanas.

### EDUQUEMOS NOSSOS FILHOS NO AMOR À PAZ

O Congresso Mundial de Mulheres, ao encerrar seus trabalhos, numa emocionante sessão, dirigiu às mulheres do mundo inteiro um apêlo vibrante: «Unidas, nós que somos uma fôrça, garantiremos a cada mulher a plenitude de seus direitos, a cada criança a segurança e o bem-estar, para constituir um mundo no qual a humanidade possa viver em paz» — diz, em essência, essa proclamação.

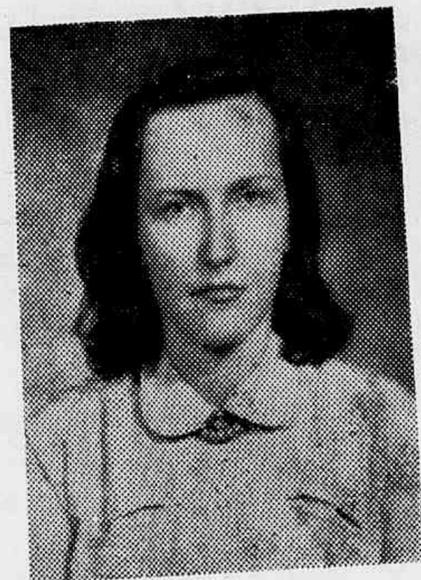
(Conclui na pág. 13)



Elisa Branco, a heroína brasileira da paz, figurou entre os membros do «presidium» do conclave, distinção reservada às mulheres mais eminentes. Aí a vemos recebendo o abraço de Mme. Cotton, ao terminar sua intervenção, enquanto a sala inteira a aplaudia, de pé, e lhe era oferecida uma cesta de flores.

Reportagem de  
**ZENAIDE MORAIS**

Enviada especial de  
**MOMENTO FEMININO**



A jornalista Zenaide Morais representou «MOMENTO FEMININO» no Congresso Mundial de Mulheres.

# ...Conquistaremos a Paz!



À ESQUERDA — Nossas amigas Polly e Daphne representaram Trinidad e Jamaica, colônias inglesas da América Central. Eram vistas freqüentemente no grupo das 23 delegadas britânicas, ao lado da representante sul-africana ou da loira delegada da Guiana Inglesa. À DIREITA — As delegadas brasileiras formavam um grupo coeso e entusiasta, de alma aberta às ricas experiências do memorável conclave. Aí vemos Arcelina Mochel, Secretária geral da F.M.B., a Sra. Matilde Garcia Rosa, da União dos Servidores Públicos Civis, a Sra. Hilda Machado, da Associação Feminina do Distrito Federal e Eunice Catunda, presidente da F.M.B. de São Paulo. Com seus receptores individuais, acompanharam em espanhol os trabalhos do Congresso, traduzidos em sete línguas: inglês, francês, espanhol, alemão, russo, chinês e dinamarquês.

# O Quimono Branco

Conto de ILYA TURITCHIN

MIE regressava à casa pelas ruas barulhentas do entardecer, olhando as vitrinas vistosas das casas comerciais. Em seu rosto pálido se refletiam as luzes vermelhas e azuis dos anúncios.

Dos cafés e restaurantes chegavam à rua os sons estridentes das orquestras. As ruas estavam repletas de transeuntes. Passavam por Mie homens trajados em paletós compridos e de gravata. Eram os donos das grandes lojas e os altos funcionários, comentando as leis seculares "do país do sol nascente". Passavam os oficiais do derrotado exército imperial, tendo mudado a tempo a farda do exército pela de oficial de polícia. Passavam, olhando por cima das cabeças, a esmo, os oficiais americanos.

Porém, mais freqüentemente, vinham ao encontro de Mie os soldados americanos embriagados. Ela evitava cruzar por eles. Pois não só eram incapazes de dar passagem a alguém, como também não evitariam dar uns encontrões e até, se lhes desse na veneta, eram capazes de dar pancada.

Nas portas das casas comerciais estavam homens estranhos e silenciosos, vestidos de quimono branco. Um deles tem a manga larga do paletó vazia. Num outro aparece, das bordas brancas ao lado de um pé, o castanho da madeira. Num terceiro, dos globos estrangulados, aparecem olhos sem vida.

A mendicância é severamente proibida! Não é permitido andar pelas ruas com a mão estendida. E é por isso que os aleijados vestem longas mantas nacionais com as mangas alargadas — são os "quimomos". Qualquer japonês sabe ao ver um homem de quimono branco: é um inválido da guerra. A polícia nada pode fazer contra os aleijados, pois estes não estão pedindo esmola...

São dezenas e centenas de figuras silenciosas de branco. Eles se



parecem mais com os fantasmas, e os soldados americanos e os oficiais de polícia fingem não reparar nêles.

A escola de Mie fica longe. Se andar depressa, será preciso meia hora bem contada de marcha até a sua casa. E' claro que se poderia ir de bonde, mas ficaria muito caro. Na sua casa já falta dinheiro mesmo sem essa despesa.

— Mie! — Uma figura de quimono branco se afasta da parede e, batendo com a perna de pau sobre o asfalto, se aproxima da menina. E' o seu tio Kudo.

— Vais para casa?

— Sim, vou.

Voltando com dificuldade o corpo, Kudo segue agora ao lado de Mie. Ele tem apenas 26 anos, mas os seus olhos cansados e as faces caídas o fazem muito mais velho. Até a tosse é fanhosa, como a de um velho.

Mie caminha em silêncio. Kudo olha de lado o rosto preocupado da sobrinha.

Os dois dobram a esquina e entram num beco e, logo como por encanto, desaparecem as luzes das vitrinas e dos lampiões. Ruas macabras que terminam numa escuridão completa. Barracões tortos com as janelas sem vidros se aglomeram apertados neste bairro. Através das frestas nas paredes ganham a rua suja, finas fitas de luz embaçada. E' o bairro Koto-ke. No tempo das chuvas ele é inundado pelas águas.

Aqui, neste bairro, mora a família de Mie.

Ao voltar da escola, a menina já se acostumou a encontrar sua avó Eça ao lado de uma lâmpada de querosene, com os trabalhos de

costura nas mãos. Hoje também, lá está a velha Eça curvada sobre o bordado.

Quantas malhas não fez durante o dia? Dezenas de milhares de malhas monótonas, ligadas umas às outras. E tudo isto em troca dos 20 yens, com os quais só poderá comprar meio quilo de pão.

No quarto faz frio. Num canto dormem os três pequeninos, envoltos num único cobertor. São os netos de Eça.

A mãe deles, Sonoe, trabalha na fábrica têxtil de Nivronboseki. Não demorará muito e ela estará de volta e irá resmungar contra o "misso-siru" — sopa de soja — que está aguado. E que pode fazer a velha Eça, se a soja está quase podre e mesmo essa tem que economizar?

E' difícil viver, muito difícil!

A família unida de Eça espalhou-se. Convocados pelo imperador para o serviço militar, foram-se seus quatro filhos para a guerra na China. Para que seus filhos precisam da China? Lá vive outro povo, que tem a sua vida e seus afazeres...

Somente 2 filhos voltaram para casa em 1945. O marido de Sonoe, Missaki e o caçula, Kudo. Missaki foi preso pela polícia somente por ter ido com outros pedir trabalho, pão e paz. Kudo não tem uma perna e ninguém quer aceitá-lo para o trabalho. Ele é agora "dsiu-rodocia" — operário desocupado. Ele tem a caderneta de desempregado e nenhuma esperança de encontrar trabalho. O coração de Eça chora de dor, mas o que poderia fazer pelo filho?

A única alegria de Eça são os netos. Mie, a filha mais velha de Sonoe, estuda na quinta série. Ela tem uma memória excelente e um bom coração. E' preciso criar e educar os netos. Só que não haja guerra!...

Eça largou a costura e se aproximou de Mie, que estranhamente permanecia calada.

— Algo lhe aconteceu, menina?

— Não, nada...

Eça olha preocupada para Mie, depois para Kudo. Será que os dois brigaram? Kudo gosta da sobrinha e esta também gosta dele. Eça se levanta e, sem fazer barulho, põe na mesa um prato quente de "misso-siru".

— Comam!

Mie senta num banquinho quebrado defronte a Kudo.

Primeiramente comem em silêncio. Depois Mie, respondendo ao olhar interrogativo de Kudo, disse:

— Hoje nos deram na escola uma lição para casa...

— E será difícil? — com cautela procurou se informar de tudo.

— Nojenta!

E Mie passa a contar tudo que tinha se passado durante o dia na escola.

... O senhor Motzidzuki, o professor, prendeu as alunas após as aulas na sala.

— Meninas! — disse ele. — O nosso poderoso país do Sol Nascente atravessa tempos difíceis. E a grande América nos veio salvar. O Japão jamais foi ingrato. A gloriosa organização feminina "Pena colorida" iniciou a coleta de dádivas como presentes para os soldados americanos que defendem heróicamente o Japão na Coréia. Vocês devem fazer para eles bonecas nacionais. Que as mesmas apresentem os soldados vencedores de volta da guerra. Vocês terão que trazer as bonecas dentro de uma semana!

... As faces de Kudo se cobriram de manchas rosadas.

— O vosso professor... Eu com toda a satisfação lhe daria um pontapé com a minha perna de pau.

Eça pestanejou assustada:

— Que dizes, Kudo? Não debes dizer isso. O senhor Motzidzuki ensina à nossa menina... E depois, também ele esteve na guerra...

— Tu não sabes, mamãe. Ele passou a guerra sentado no estado-maior, enquanto que nós nos arrastávamos na lama, debaixo de balas. Ele fuzilava os japoneses que não queriam brigar!

Mie olhava com atenção o tio, não deixando escapar uma só palavra...

No dia seguinte Mie murmurava demoradamente algo com as suas coleguinhas de escola. E, após ter voltado para casa, pediu à vovó alguns retalhos de pano.

— Vou fazer uma boneca — disse decididamente.

Passou-se uma semana. Após as aulas, no dia marcado para a entrega das bonecas, entrou na sala o senhor Motzidzuki, em companhia de uma japonesa gorda, vestida com um casaco leve de pêlo. O professor mantinha-se numa pose triunfal. Sobre sua jaqueta semi-militar brilhavam as fitas das condecorações.

As meninas se levantaram e reverenciaram. O professor, com um gesto pomposo, permitiu-lhes sentar. A mulher franzia sempre os olhos com sobrancelhas pintadas e sorria. As meninas compreendiam que se tratava da representante da organização fascista das mulheres "Pena colorida".

— Respeitosa senhora! — falou Motzidzuki. — As alunas de nossa escola responderam ardorosamente ao vosso apêlo. Em sinal de

(Conclui na pág. 10)

# No Congresso Mundial de Mulheres:

## MENSAGENS ÀS MULHERES DO BRASIL

Em Copenhague, durante o Congresso Mundial de Mulheres, a representante de "Momento Feminino" palestrou com delegadas de vários países, trocando impressões sobre a imprensa democrática feminina e oferecendo-lhes exemplares de nossa revista.

Muitas delegadas pediram então que transmitisse às leitoras de "Momento Feminino" uma mensagem de confiança na luta da mulher brasileira em defesa de seus filhos, pela conquista de seus direitos.

Em nome da delegação norte-americana, por intermédio de nossa representante, uma delegada dos Estados Unidos enviou uma saudação a suas irmãs do Brasil, fazendo expressivos votos de êxito na luta com o mundo das mulheres do mundo inteiro em defesa da paz. "Todos os países têm o direito de dispor de si mesmos", dizia a mensagem da delegação norte-americana à mulher brasileira. "E o respeito a esse princípio é uma garantia de paz".

Françoise Leclercq, nossa querida amiga de "Femmes Françaises", pediu-lhe também que saudasse em seu nome "as mulheres do Brasil, que lutam corajosamente pela paz e pela felicidade de seus filhos".

## RECORDANDO ELISA BRANCO

Era comum, durante essas palestras, observar nossa delegada, que a menção ao nome do Brasil trouxesse de pronto uma referência à nossa heroína da paz: Elisa Branco. Sua coragem e heroísmo percorreram o mundo e sua ação se tornou grata às mulheres dos mais distantes países. Um exemplo disso encontramos nessa mensagem, em que a delegação polonesa se dirige às mulheres de nosso país:

«Em nome das mulheres polonesas saudamos calorosamente as mulheres brasileiras. O nome da combativa Elisa Branco é repetido em nossa pátria com amor e respeito.

Nós vos desejamos de todo o coração êxito na luta que travamos em comum, com as mulheres do mundo inteiro, êxito na luta pela paz.

E viva a Paz!»

Pela delegação da Polônia assinam a mensagem: Júlia Walasrek, professora; Marie Jarachanske, escritora; Wicroweh Glelena, camponesa; Janina Kolenko, redatora católico-social de um semanário polonês, e a

prof. dra. Jadinga Lekergeiska, membro da Academia de Ciências polonesa.

Uma das emoções mais vivas que experimentamos depois desse grande Congresso que reuniu em Copenhague mulheres de 77 países nos estava reservada em Berlim. Ali, ao lado de Mme. Fuenie Cotton, que seguia para Budapeste, para a reunião do Conselho Mundial da Paz, fomos encontrar as delegações da Coreia e do Viet-Nam, a quem os governos ocidentais negaram visto para ir à Dinamarca. Trazíamos ainda a lembrança da emocionante homenagem que as mulheres dinamarquesas e as delegações estrangeiras prestaram à luta heroica desses dois povos e do povo malaio, no intervalo de uma das sessões do Congresso. Num grande teatro, completamente cheio, antes de ser iniciado um programa de música e ballet, jovens dinamarquesas surgiram carregando os símbolos nacionais da Coreia, do Viet-Nam e da Malásia. Acreditamos nunca ter visto antes manifestação igual: as bandeiras passaram entre aplausos

vibrantes e durante vários minutos a sala inteira, de pé, continuou a ovação, que se misturava com as lágrimas de centenas de assistentes.

Recordávamos ainda a ansiedade com que todo o Congres-

so acompanhava o desenrolar das negociações de paz em Pan Mun Jong e como a simples menção à luta desses povos heróicos arrancava aplausos prolongados dessa memorável assembleia.

## NAS MÃOS DAS DELEGADAS AMERICANAS A BANDEIRA DA COREIA

Outra recordação bem viva nos veio ainda: durante uma das sessões foi anunciada a leitura do informe da delegação coreana. Enquanto durou, diante do plenário que vibrava de emoção, duas delegadas norte-americanas mantinham erguido o símbolo nacional da Coreia. Vimos depois repetir-se a mesma cena comovente: as bandeiras tremulavam nas mãos de delegadas francesas e britânicas, enquanto o plenário ouvia a leitura das intervenções do Viet-Nam e da Malásia. Essa era a prova material da pre-

sença desses povos no Congresso.

Foi ainda tendo presente a batalha de nosso povo, da mulher brasileira, para que nossos jovens não sejam arrastados ao assassinio de irmãos, que nos aproximamos das delegadas vietnamitas e coreanas. Jovens do Viet-Nam, acompanhadas de seus intérpretes, sorriam comovidas quando lhes contamos que o povo brasileiro segue com o maior interesse as bravas ações dos indochineses para expulsarem os dominadores colonialistas franceses. Pediram-nos que saudássemos em seu nome as mulheres do Brasil!

## "AGRADECEMOS A NOSSAS IRMÃS DO BRASIL!"

Momentos após recebíamos das mãos da presidente da delegação coreana uma mensagem. E nos abraçávamos comovidas, sem esconder as lágrimas...

Em coreano e inglês, dizia a mensagem:

"Queridas irmãs do Brasil:

Tôdas as mulheres coreanas conhecem o êxito das mulheres brasileiras na luta pela Paz.

As mulheres coreanas agradecem às mulheres brasileiras, que sob a liderança de Elisa Branco lutam contra as tentativas de seus filhos e seus maridos serem enviados a lutar contra a Coreia.

Viva a Paz no mundo inteiro!"

A mensagem estava assinada em nome de toda a delegação coreana ao Congresso Mundial de Mulheres.

## LIBERTADAS MARINETE E JEAN



Jean Sarquis

APÓS 22 meses de prisão foram finalmente restituídas ao nosso convívio as queridas amigas Marinete e Jean.

A Associação Feminina do D. F. preparou às duas heróicas lutadoras da causa da paz uma carinhosa e comovente recepção, à saída da Penitenciária. Um grande ato está sendo preparado para manifestar a alegria das mulheres, na Capital Federal, pelo feliz acontecimento que lhes custou tantas lutas.

Marinete e Jean foram libertadas um mês antes de terminar a pena revoltante, graças ao intenso movimento popular de solidariedade que se estendeu por todo o país e teve repercussão no mundo inteiro.

Nossas valorosas amigas, que suportaram valentemente a prisão e as arbitrariedades, declararam a MOMENTO FEMININO sua firme e inabalável disposição de continuar lutando para que os nossos jovens não sejam arrastados a guerras injustas em defesa da paz mundial e da união de tôdas as mulheres pela conquista de seus direitos.



Maria Afonso Lins

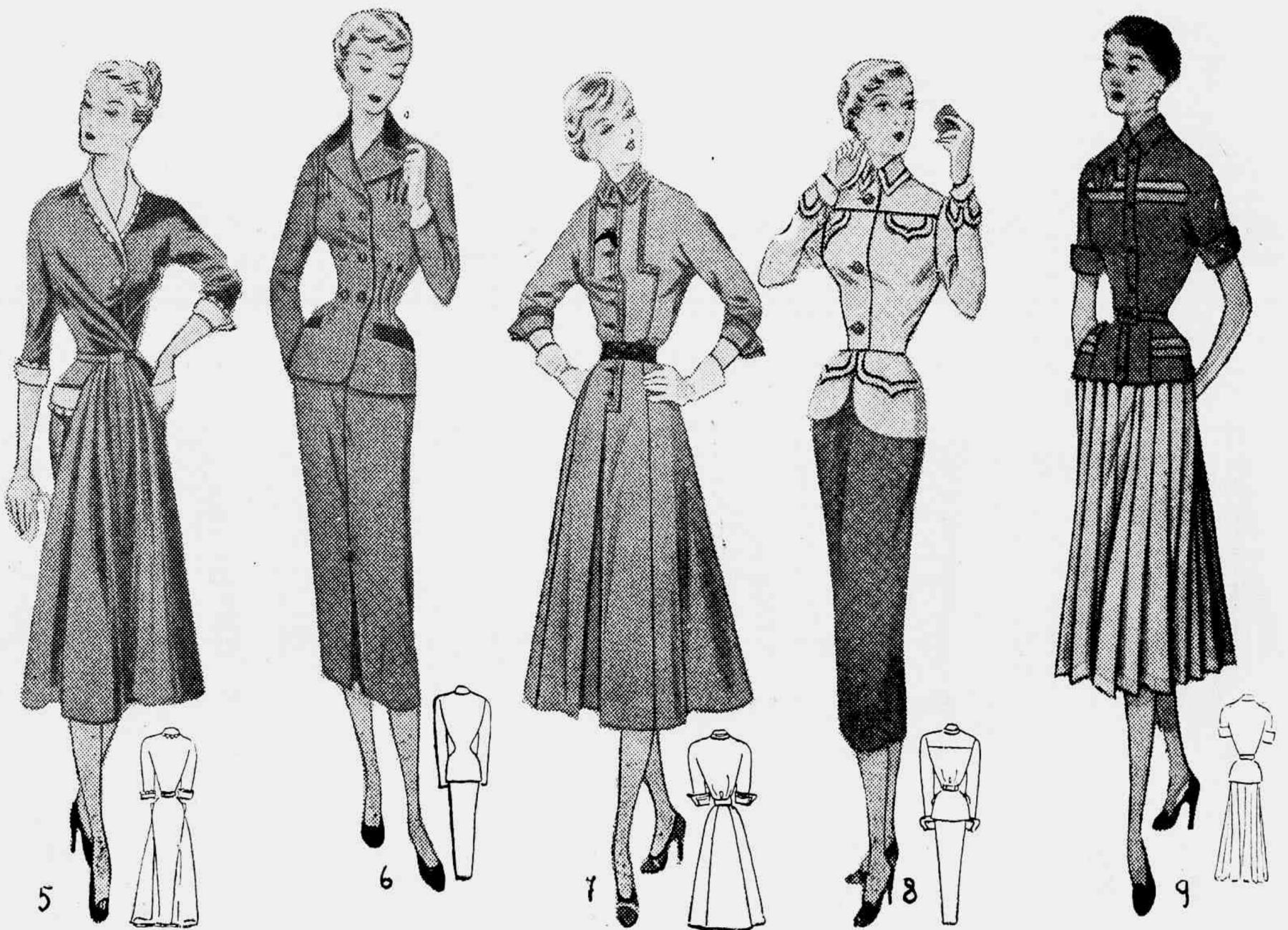


1 — Vestido em tecido escocês, saia abotoada com uma prega

2 — Interessante modelo em fazenda listrada, com gracioso peito em fustão branco

3 — Este modelo leva uma pala enfiada, saia com franzido nas cadeiras

4 — Interessante modelo, completado com uma bonita echarpe



5 — Modelo muito elegante adornado com branco; o drapado do corpo e prolonga, formando um aodê na saia

6 — Costume em lã preto guarnecido com bolsos e gola de veludo

7 — Vestido em lã cinza com enfeites em azul-marinho

8 — Costume com casaco em tom claro e saia escura

9 — Em dois tons de lã ó este conjunto com saia plissada

PARA  
OS DIAS  
FRIOS



**CHALE DE CROCHÊ**

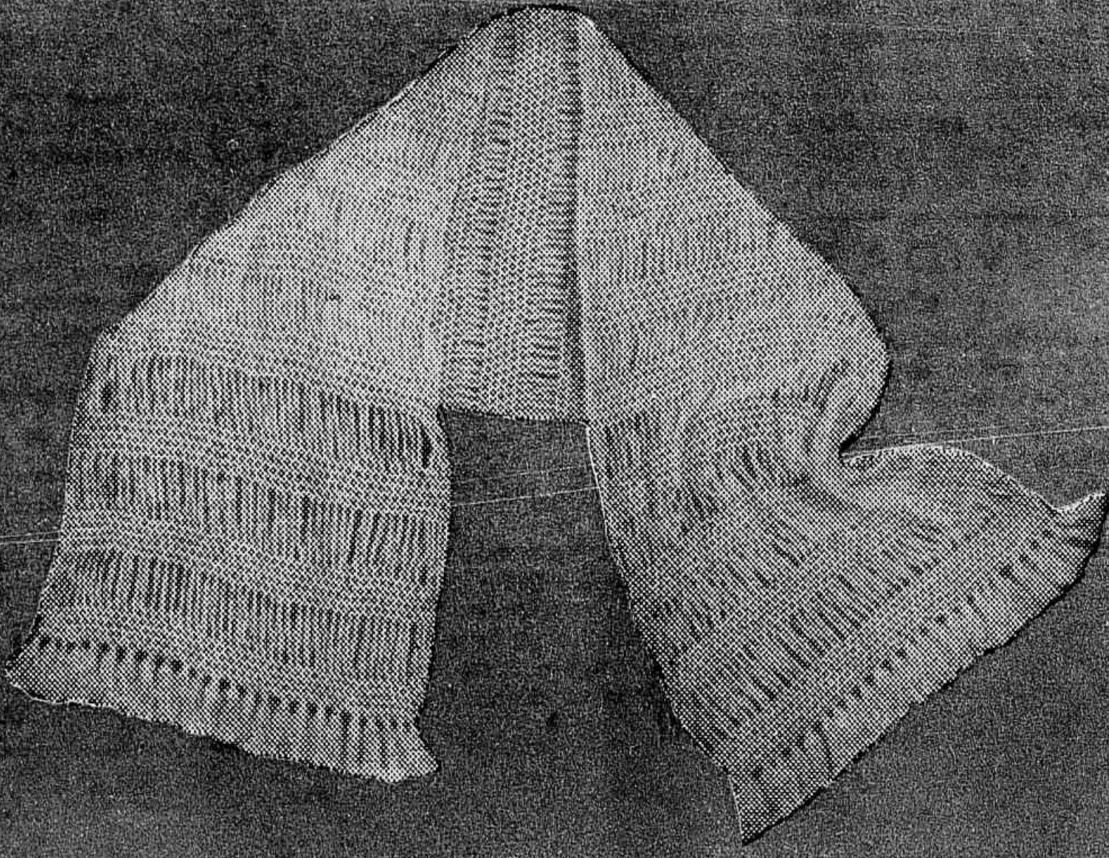
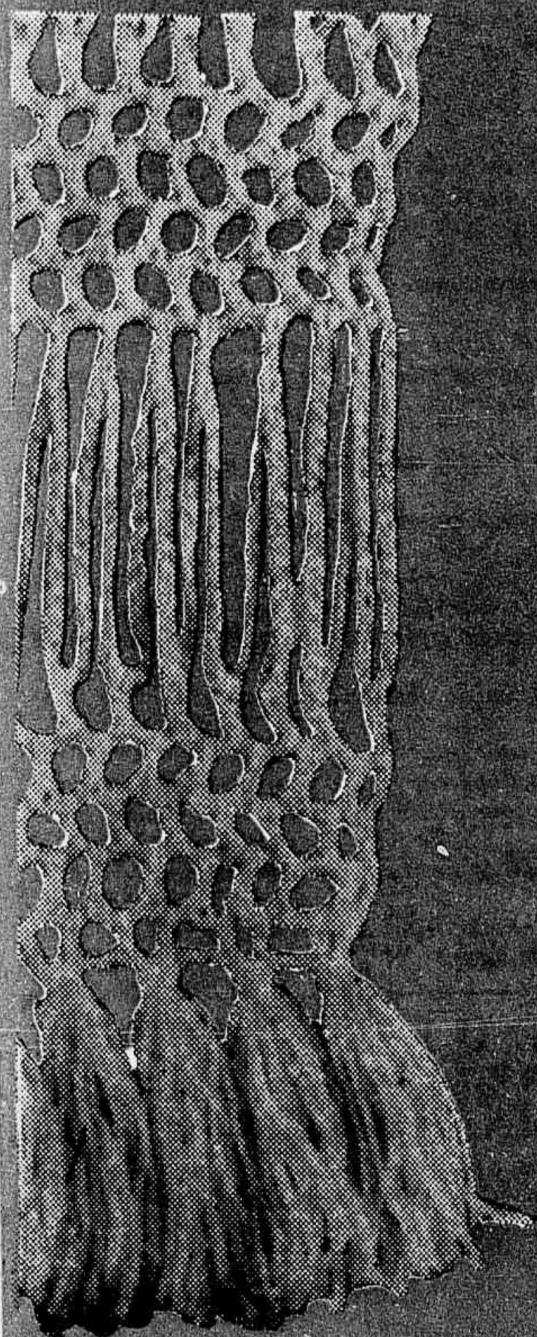
**MATERIAL** — 4 novelos de 40 g de lã branca. Agulha de crochê grossa.

**PONTOS EMPREGADOS**

**PONTO ALTO:** 1.<sup>a</sup> carr.: 1 p. alto com 1 laçada na ag., 2 correntinhas  
2.<sup>a</sup> carr.: igual à 1.<sup>a</sup> carr., porém, o p. alto faz-se entre as 2 correntinhas.  
Repete-se a receita. **ENTREMEIO:** É formado por tranças de correntinhas  
do seguinte modo: 30 correntinhas, 1 p. baixo em cada espaço p. alto.  
**FRANJA:** Cada pingente da franja é formado por 10 fios duplos de lã, ficando  
com 5 cm de comprimento.

**EXECUÇÃO** — Faz-se uma trança de 43 cm de comprimento e fazem-se  
5 carr. com o p. alto. Faz-se 1 carr. com o entremeio; depois 5 carr. com  
o p. alto, porém, na 1.<sup>a</sup> carr., cada p. alto faz-se no meio de cada trança  
de 30 correntinhas do entremeio. O CHALE é composto de 17 entremeios e  
18 grupos de 5 carr. em p. alto.

**ACABAMENTO** — No começo e final do chale colocam-se as franjas.



# Conheça seu Filho

Por MARIA GABRIELA

**U**MA das perguntas que freqüentemente fazem as jovens mães é a que se refere à época mais oportuna para dar início à educação da criança. A muitas parece mesmo que o processo educativo só deve ter início quando o menino ou menina já tem alguns anos de idade e, portanto, a capacidade de compreensão mais desenvolvida. A essas eu lembro ou conto uma anedota muito divulgada, na qual se narra que uma jovem senhora perguntava a um educador quando deveria iniciar a educação de seu filho.

— Que idade tem a criança, minha senhora? — perguntou o filósofo.

— Tem apenas quatro anos — respondeu tranqüilamente a inexperienced dama.

— Oh, minha senhora, já perdeu quatro preciosos anos...

Querida éle dizer que a educação se inicia no berço, a partir do momento em que nasce um novo ser.

Eu, entretanto, vou mais longe, minhas amigas. A educação de um ser humano se inicia algumas gerações antes que éle apareça neste até agora "vale de lágrimas" que os homens saberão transformar, um dia, em "vale de paz e alegria".

De fato; nosso filho terá a educação que nós, seus pais, tivermos a capacidade de lhes dar. Mas nós pouco mais do que recebemos lhes poderemos transmitir. E' verdade que há pessoas com suficiente personalidade e bastante esclarecidas para terem a capacidade de corrigir nos filhos as lacunas que a própria educação lhes deixou. Mas, como lhes fiz sentir em nossa primeira conversa, a educação de uma criança não se faz apenas de acôrdo com a orientação doméstica; existem também, poderosas, as influências exteriores. São a escola, os parentes, os amigos, toda a sociedade, através de suas instituições e pessoas a influir e, freqüentemente, a anular ou pelo menos a prejudicar nossos esforços educativos. Veja, querida amiga, e me diga se há missão mais difícil do que esta de preparar uma criança para enfrentar as durezas da vida sendo útil a si, à sociedade, à sua terra e à Humanidade?

Vamos hoje conversar sobre algumas normas gerais de educação. Antes de mais nada, minha amiga, é indispensável que haja entre você e seu marido o mais perfeito acôrdo quanto à orientação a ser adotada, quanto aos métodos a serem seguidos. No dia em que os pais começam a discordar em teoria, ou pior na prática, adeus educação. A criança, à proporção que vai crescendo, vai sentindo cada vez maior o desejo de afirmação e independência. Toda restrição lhe parece uma coação, uma injustiça.

E' então o período difícil em que os pais devem saber impor-se com suavidade, porém com energia inflexível. Ai daqueles que não o fizerem. A medida que forem cedendo em coisas sem importância, a criança irá se sentindo mais forte e exigindo sempre mais. Um dia, quando, já muito tarde, os pais abrem os olhos, estão diante de uma criança mais forte que eles, cuja firme resolução de rebeldia e oposição já não é possível vencer por meios brandos. Muitos lares têm ido à derrocada por esse motivo: discordância de pontos de vista na educação do filho. E, no caso, sempre o mais prejudicado é o menino, é o ser em formação. Dono de uma independência e de uma liberdade que não sabe usar, envereda por caminhos perigosos, como um pobre animal desamparado, ou como um barco desarvorado, em pleno mar. E essa liberdade que conquistou à custa de caprichos, fantasias e atitudes insolentes, é à sombra da falta de energia e senso de responsabilidade dos pais, torna-os, eis o mais triste: crianças infelizes, incontentadas e insatisfeitas.

Pense bem nisto, minha amiga. Antes de se anunciar a chegada de seu herdeiro, converse com seu marido, procure abordar com éle todos os problemas que você sabe que surgirão, trace de comum acôrdo um plano educacional e comece a pô-lo em prática no momento mesmo em que seu filho saudar o mundo com suas primeiras lágrimas. E, uma vez traçado o plano, siga-o inflexivelmente, sem desvios nem vacilações. E empenhe todos os seus esforços para que seu marido coopere ou pelo menos, se não tiver energias para tanto, que não interfira. E não esqueça de que em MOMENTO FEMININO há sempre um cantinho — "Conheça seu Filho" — onde Maria Gabriela terá muito prazer em receber suas consultas.

## VIDAS SÊCAS

(Conclusão da pág. 12)

Iher e os dois meninos seriam comidos. Sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la. Mas o coração grosso, como um cururu, enchia-se com a lembrança da cadela. Coitadinha, magra, dura, inteiriçada, os olhos arrancados pelos urubus.

Diante dos juazeiros, Fabiano apressou-se. Sabia lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem?

Chegou-se à casa, com medo. Ia escurecendo, e àquela hora éle sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia esmorecido, mo-fino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara uma injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aquêles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como éle.

## COMISSÃO DE DEFESA DA INFÂNCIA

**E**M comemoração à data de 1º de junho, Dia Internacional da Infância, realizou-se no Salão Nobre da Câmara de Vereadores do Distrito Federal, uma importante reunião, cujo objetivo foi dar posse à diretoria da «Comissão Brasileira de Defesa da Infância». Ocupa a presidência dessa entidade o Desembargador Sabóia Lima, conhecida figura dos meios jurídicos do Brasil, grande batalhador em favor da recuperação dos menores abandonados e delinqüentes. É secretário o Dr. Joelson Amado, pediatra da Capital e fazem parte do Conselho Diretor D. Branca Fialho, presidente da Federação de Mulheres do Brasil e a jornalista Yvone Jean.

Durante aquela sessão, a Sra. Emy Duarte Pereira expôs em

vibrantes palavras as finalidades da Comissão, dirigindo um apêlo a todos os pais, educadores e pessoas de boa vontade, para que apoiassem a campanha em defesa da vida das crianças e de um futuro feliz para elas.

Coube ao artista Augusto Rodrigues, conhecido diretor da Escolinha de Arte do Rio de Janeiro, realizar uma palestra sobre o tema «A criança e a arte», que despertou grande interesse entre a grande assistência presente ao ato.

O poeta Ary de Andrade leu um belo poema, de sua autoria, sobre a infância abandonada.

A sessão foi encerrada pelo Juiz Irineu Jofily, que disse da necessidade de reforçar a união de todos, na luta pela vida e a felicidade das crianças do Brasil.

## O Quimono Branco

(Conclusão da pág. 6)

amor e gratidão, para presentear os heróicos guerreiros americanos, elas fizeram bonecas representando os soldados-vencedores.

— Meninas! Vocês procederam como verdadeiras japonesas! — disse a mulher, prendendo o som como se a gordura de suas faces não lhe permitisse falar corretamente. — Eu vos agradeço em nome de nossa organização e também em nome do nosso grande amigo — o exército americano!

O professor sentiria um imenso prazer se alguma das meninas se propusesse a responder à visitante, mas as meninas permaneciam em silêncio comprometedor... Para disfarçar a inquietude do ambiente, disse então:

— As alunas estão emocionadas com o que está acontecendo. Meninas! Botem as bonecas sobre a mesa!

As alunas não se mexiam e reparava-se que estavam nervosas.

A mulher gorda sorriu aduladoramente:

— Nessas questões não temam serem as primeiras, pois o verdadeiro patriota deve ser sempre o primeiro.

Então levantou-se Mie. Tirou sua boneca da carteira e, com passos firmes, se aproximou da mesa. Somente as suas mãos trêmulas denunciavam sua emoção.

No momento em que acabara de largar o boneco sobre a mesa, ouviu-se um ruído da parte do professor, que parecia ter-se engasgado com um gole de chá quente. Seus olhos se alargaram e o rosto pouco a pouco ficou roxo.

A boneca de Mie não possuía uma das pernas e estava vestida de quimono branco.

O senhor Motzidzuki deu alguns passos pela sala. A quem o visse de lado parecia que as suas pernas estavam endurecidas. Éle estendeu a mão a uma das alunas e falou:

— Dê a boneca...

A menina estendeu-lhe a boneca, vestida também de quimono branco e sem um braço.

O professor se jogou para o outro canto da sala:

— Boneca!...

A terceira boneca não tinha ambos os braços.

— Boneca! — repetia furioso pela sala. Sobre as faces gordas da mulher, atravessando a camada espessa de pomadas, surgiram manchas roxas.

Por fim, o senhor Motzidzuki abriu a bôca entortada por convulsões:

— O que querem dizer com isto?

A menina que ainda não tinha entregue o seu "presente" a ergueu e, estendendo ao professor a boneca capenga, vestida de quimono branco, disse:

— E' o soldado que volta da guerra. Nós não queremos que haja nova guerra!

Nove, no total de 15 bonecas feitas pelas meninas japonesas, estavam vestidas de quimono branco...

## EXPEDIENTE

DIRETORA

ARCELINA MOCHEL

Redação e Administração:

Rua Evaristo da Veiga, 16 — Sala 808 — Rio de Janeiro

# COZINHA

VIRGINIA

## FEIJOADA BRASILEIRA (para 20 pessoas)

### Ingredientes:

2 quilos de feijão preto, 1 quilo de carne seca, 250 grs. de paio, 250 grs. de toucinho de fumeiro, 250 grs. de toucinho salgado, 4 patinhas de porco, 2 rabinhos de porco, 1/2 quilo de chouriço. Fôlhas de louro, um pouco de pimenta do reino, cebola, alho, uma colher de sopa de vinagre e um pouco de gordura.

### Modo de preparar:

Primeiro, limpar tudo muito bem, cortar a carne seca em pedaços, limpar e partir as patinhas ao meio, pôr de molho por várias horas. Não é necessário pôr de molho nem o paio nem o chouriço. O feijão deve também ficar muito tempo de molho, mas em panela separada.

Depois de tirar do sal, escorrer. Faça um bom refogado, assim: tome os toucinhos, tanto o salgado como o de fumeiro, corte-os em pedaços e leve ao fogo com um pouco de gordura, cebola, alho socado, pimenta do reino também socadinha, as fôlhas de louro. Deixe refogar por algum tempo, junte a carne seca, o feijão e a colher de vinagre, adicione bastante água e deixe cozinhar; quando estiver fervendo, junte então o paio e o chouriço.

A feijoada é servida quente, e geralmente não se usa o arroz para acompanhá-la, mas a farinha torradinha.

## BELEZA

### ★ Judite

OS CABELOS são o mais belo ornamento que as mulheres possuem. Mas êles precisam de certos cuidados para não perder a beleza, o viço e a flexibilidade. Portanto, para defender seus cabelos comece com uma boa higiene do couro cabeludo, fazendo um bom xampô semanalmente. Use a escova, pois é de muita importância escovar os cabelos diariamente. A escova estimula as funções do couro cabeludo; espalha o óleo exsudado pelas glândulas e dá brilho aos cabelos. A escova usada deverá ter fios longos, firmes e bem espaçados. Sempre que usar a escova, retire os fios de cabelo que ficarem presos e uma vez por semana, lave-a com água quente e espuma, enxaguando-a bem. Pendure-a para secar.

Há necessidade de uma boa lavagem dos cabelos semanalmente com um bom xampô. Você poderá fazê-lo em casa derretendo pedaços de sabão em pequena quantidade d'água. Aplique duas vezes o sabão, esfregando bem, enxaguando com bastante água até os cabelos rangerem. Se fôr possível, seque os cabelos ao ar livre, pois os raios do sol são um tônico de muito valor. Uma vez por mês antes de lavar a cabeça, aplique óleo de oliva ou de amêndoas doces ligeiramente aquecido, no couro cabeludo. Esse tratamento deixa os cabelos brilhantes e sedosos.

Para combater a caspa, êste espantalho de tantos homens e



mulheres, use a seguinte pomada na noite anterior ao xampô:

Derreta um barra de alcaçô e misture com 2 colheres de óleo de oliva e 1 colher de óleo mineral ou vaselina derretida.

No dia seguinte lave a cabeça com água morna, tendo o cuidado de enxaguar bem.

O ôvo também é indicado como um bom meio de combater a caspa devido ao seu conteúdo de enxôfre. Massageie o couro cabeludo com 2 gemas batidas, deixando ficar algumas horas antes do xampô.

## NOSSA CAPA

LINDA BATISTA,  
a querida intérprete da  
música popular brasileira.

## DOCES BRASILEIROS

### — CARIOQUINHA

#### Ingredientes:

Meio quilo de amendoim, chocolate, açúcar, 3 ovos.

Tome os amendoins, torra sem deixar queimar, tire as casquinhas e separe alguns para enfeitar. Passe-o na máquina de moer carne. Feito isto, prepare como se fôsse uma passoca, juntando o açúcar mais o chocolate. Misture bem, junte depois as 3 gemas e veja a consistência. Se ficar ainda um tanto dura, que não dê para enrolar, então junte as claras uma a uma e vá vendo como fica para não amolecer muito.

Ficando em bom ponto, enrole em forma de cajuzinho. Enfeite com o amendoim que ficou separado, depois passe o açúcar cristalizado. Enrole em papel empermeável para não melar e guarde em vidros tapados.

### — DOCE DE ABÓBORA COM CÔCO, À MODA DO NORTE

Meio quilo de abóbora, meio quilo de açúcar, 1 côco. Cozinhe a abóbora descascada em pouca água. Escorra e passe em peneira fina, junte o açúcar à massa obtida e leve ao fogo, mexendo sempre. Quando começar a ferver, junte o côco ralado e continue mexendo até o doce ficar num bom ponto, isto é, com pouca calda e bem grossa. Deixe esfriar e deite-o em compoteira.

### — COCADINHAS BRANCAS

750 grs. de açúcar, 500 grs. de côco ralado. Faça com o açúcar uma calda grossa em ponto de bala mole, junte a esta o côco ralado (juntar fora do fogo) e mexa até misturar muito bem, deixando ferver ligeiramente. Deixe esfriar e aguarde para fazer as cocadinhas só no dia seguinte; dê às cocadinhas a forma retangular e leve-as a secar ao sol.

### — ABACAXI PARA FESTAS

Rale 2 abacaxis ou passe-os na máquina de moer. Leve ao fogo com todo o caldo e mais meio quilo de açúcar, mexendo sempre até que apareça o fundo da panela; retire do fogo, deixe esfriar e faça do feitio de um abacaxi de verdade (pequeninos). Quando fôr enrolar, forre as mãos com açúcar cristalizado. Enfeite os abacaxizinhos com cravinho da índia e pedacinhos da própria fôlha de abacaxi. Fica muito decorativo.

## ALGUNS CONSELHOS

### PARA QUE SERVE O VINAGRE?

- O vinagre oferece às donas de casa as mais diversas e úteis aplicações. Algumas gotas de vinagre na pomada de lustrar calçados evitam que a mesma se resseque.
- Um pano embebido em vinagre limpa banheiras esmaltadas.
- Vinagre quente, misturado com água, é excelente para lavar cristais.
- Um pouco de sal grosso misturado ao vinagre faz com que desapareçam as manchas comuns nas caçarolas ou vasilhas esmaltadas.
- Uma boneca de pano embebida em vinagre branco serve para limpar golos de casacos, capas e "manteaux", onde a poeira e o suor costumam deixar manchas de natureza gordurosa.
- Um pouco de vinagre remove facilmente as manchas de tinta-óleo das vidraças.
- Quando a tinta de escrever se ressecar, deite um pouco de vinagre no tinteiro, agite fortemente e a tinta estará de novo aproveitável.
- Deite um pouco de vinagre na água em que fôr cozido o peixe para que êle não se desfaça e fique com boa consistência; o vinagre ajudará também a manter alva e apetitosa a carne do peixe.
- Para eliminar o gosto de barro das moringas e talhas novas, deite-lhes água fervida com um pouco de vinagre.
- As verduras murchas recuperam o viço, quando colocadas numa vasilha que contenha água misturada com vinagre.
- Para limpar as caçarolas e tachos de cobre use vinagre e sal.

### Doenças nervosas e mentais

**DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES**

PSICOTERAPIA E ANÁLISE

PROFESSOR DE CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Rua Santa Luzia, 732, s. 718 — 7º andar — Diariamente

### LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

RUA DO CARMO, 49, 2º ANDAR, SALA 25  
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas

FONE: 23-1064

Exceto aos sábados

# Vidas Sêcas

Romance de GRACILIANO RAMOS

## CAPÍTULO XII

### O MUNDO COBERTO DE PENAS

O MULUNGU do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agonizado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.

Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando. Foi sentar-se no banco de copiar, examinou o céu limpo, cheio de claridades de mau agouro, que a sombra das arribações cortava. Um bicho de penas matar o gado! Provavelmente sinha Vitória não estava regulando.

Fabiano estirou o beijo e enrugou mais a testa suada: impossível compreender a intenção da mulher. Não atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la. Entrou na casa, trouxe o aiol, preparou um cigarro, bateu com o fuzil na pedra, chupou uma tragada longa. Espiou os quatro cantos, ficou alguns minutos voltado para o norte, coçando o queixo.

— Chi! Que fim de mundo!

Não permaneceria ali muito tempo. No silêncio comprido só se ouvia um rumor de asas.

Como era que sinha Vitória tinha dito? A frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. As arribações bebiam a água. Bem. O gado cortia sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha idéias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída. Então! Descobrir que as arribações matavam o gado! E matavam. Aquela hora o mulungu do bebedouro, sem fôlhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de penas.

Desejou ver aquilo de perto, levantou-se, botou o aiol a tiracolo, foi buscar o chapéu de couro e a espingarda de pederneira. Desceu o copiar, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira pensando na cachorra Baleia. Coitadinha. Tinham-lhe aparecido aquelas coisas horríveis na bôca, o pêlo caíra, e ele precisava matá-la. Teria procedido bem? Nunca havia refletido nisso. A cachorra estava doente. Podia consentir que ela mordesse os meninos? Podia consentir? Loucura expor as crianças à hidrofobia. Pobre da Baleia. Sacudiu a cabeça para afastá-la do espírito. Era o diabo daquela espingarda que lhe trazia a imagem da cadelinha. A espingarda, sem dúvida. Virou o rosto defronte das pedras do fim do pátio, onde Baleia aparecera fria, inteiriçada, com os olhos comidos pelos urubus.

Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de aluvião, aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça d'água preta, a garrancharia do mulungu estava completamente invisível. Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finar-se, até os espinhos secariam.

Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, aboletar-se em outro lugar, recomeçar a vida. Levantou a espingarda, puxou o gatilho sem pontaria. Cinco ou seis aves caíram no chão, o resto se espantou, os galhos queimados surgiram nus. Mas pouco a pouco se foram cobrindo, aquilo não tinha fim.

Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda com chumbo miúdo e não socou a bucha, para a carga espalhar-se e alcançar muitos inimigos. Novo tiro. novas quedas, mas isto não deu nenhum prazer a Fabiano. Tinha ali comida para dois ou três dias; se possuísse munição, teria comida para semanas e meses.

Examinou o polvarinho e o chumbeiro, pensou na viagem, estremeceu. Tentou iludir-se, imaginou que ela não se realizaria se ele não a provocasse com idéias ruins. Reacendeu o cigarro, procurou distrair-se falando baixo. Sinha Terta era pessoa de muito saber naquelas beiradas. Como andariam as contas com o patrão? Estava ali o que ele não conseguiria nunca decifrar. Aquêlê negócio de juro engolia tudo, e afinal o branco ainda achava que fazia favor. O soldado amarelo...

Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a criatura mais infeliz do mundo. Devia ter ferido naquela tarde o soldado amarelo, devia tê-lo cortado a facção. Cabra ordinário, mofino, encolhera-se e ensinara o caminho. Esfregou a testa suada e enrugada. Para que recordar vergonha? Pobre dêle. Estava então decidido que viveria sempre assim? Cabra safado, mole. Se não fôsse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias. Depois levaria um tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença, mas isto era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando no calor, à mulher e os

filhos acabando-se também. Devia ter furado o pescoço do amarelo com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse prêso e respeitado, um homem respeitado, um homem. Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo. Não era homem, não era nada. Agüentava zinco no lombo e não se vingava.

— Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele.

Como gesticulava com furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e sentiu sede. Pela cara vermelha e queimada o suor corria, tornava mais escura a barba ruiva. Desceu da ribanceira, agachou-se à beira da água salobra, pôs-se a beber ruidosamente nas palmas das mãos. Uma nuvem de arribações voou assustada. Fabiano levantou-se, um brilho de indignação nos olhos.

— Miseráveis.

A cólera dêle se voltava de novo contra as aves. Tornou a sentar-se na ribanceira, atirou muitas vêzes nos ramos do mulungu, o chão ficou todo coberto de cadáveres. Iam ser salgados, estendidos em cordas. Tencionou aproveitá-los como alimento na viagem próxima. Devia gastar o resto do dinheiro em chumbo e pólvora, passar um dia no bebedouro, depois largar-se pelo mundo. Seria necessário mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. Talvez a sêca não viesse, talvez chovesse. Aquêles malditos bichos é que lhe faziam mêdo. Procurou esque-



cê-los. Mas como poderia esquecê-los, se estavam ali, voando-lhe em tôrno da cabeça, agitando-se na lama, empoleirados nos galhos, espalhados no chão, mortos? Se não fôsem êles, a sêca não existiria. Pelo menos não existiria naquele momento: viria depois, seria mais curta. Assim, começava logo — e Fabiano sentia-a de longe. Sentia-a como

se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. Alguns dias antes estava sossegado, preparando látégos, consertando cêrcas. De repente, um risco no céu, outros riscos, milhares de riscos, juntos, nuvens, o medonho rumor de asas a anunciar destruição. Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguaem. E olhava com desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. Agora confirmavam-se as suspeitas.

— Miseráveis.

As bichas excomungadas eram a causa da sêca. Se pudesse matá-las, a sêca se extinguiria. Mexeu-se com violência, carregou a espingarda furiosamente. A mão grossa, cabeluda, cheia de manchas e descascada, tremia sacudindo a vareta.

— Pestes.

Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado. Sôzinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou. Coitada de sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de fôlha. Uma pessoa de tanto juízo marchar na terra queimada, esfolar os pés nos seixos, era duro. As arribações matavam o gado. Como tinha sinha Vitória descoberto aquilo? Difícil. Êle, Fabiano, espremendo os miolos, não diria semelhante frase. Sinha Vitória fazia contas direito: sentava-se na cozinha, consultava montes de sementes de várias espécies, correspondentes a mil réis, tostões e vinténs. E acertava. As contas do patrão eram diferentes, arrançadas a tinta e contra o vaqueiro, mas Fabiano sabia que elas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. Enganava. Que remédio? Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e agüentava zinco no lombo. Podia reagir? Não podia. Um cabra. Mas as contas de sinha Vitória deviam ser exatas. Pobre de sinha Vitória. Não conseguiria nunca estender os ossos numa cama, o único desejo que tinha. Os outros não se deitavam em camas? Receando maguá-la, Fabiano concordava com ela, embora aquilo fôsse um sonho. Não poderiam dormir como gente. E agora iam ser comidos pelas arribações.

Desceu da ribanceira, apanhou lentamente os cadáveres, meteu-os no aiol, que ficou cheio, empazinado. Retirou-se devagar. Êle, sinha Vitória e os dois meninos comeriam as arribações.

Se a cachorra Baleia estivesse viva, iria regalar-se. Por que seria que o coração dêle se apertava? Coitadinha da cadela. Matara-a forçado, por causa da moléstia. Depois voltara aos látégos, às cêrcas, às contas embaraçadas do patrão. Subiu a ladeira, avizinhou-se dos juazeiros. Junto à raiz de um dêles a pobrezinha gostava de espojar-se, cobrir-se de garranchos e fôlhas sêcas. Fabiano suspirou, sentiu um pêso enorme por dentro. Se tivesse cometido um êrro? Olhou a planície torrada, o morro onde os preás saltavam, confessou às catinqueiras e aos alastrados que o animal tivera hidrofobia, ameaçara as crianças. Matara-o por isso. E não pensara mais nele.

Aqui as idéias de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se com as arribações, que não se distinguiam da sêca. Êle, a mu-

(Conclui na pág. 10)

# Lutam as Mulheres de Joazeiro do Norte

★ Reportagem de ADELINA BEZERRA LIMA

**Joazeiro do Norte, como todo o interior do Brasil, não escapa ao descaso dos governos, o que torna a vida nestes lugares um ato de heroísmo. Vive-se combatendo a morte sem armas. É o que verificaremos nesta reportagem**

## COMO NASCEM AS CRIANÇAS EM JOAZEIRO

**C**ONVERSAMOS com D. Maria José Baião, a parteira mais procurada da cidade e também a mais popular, pois não só atende ao seu trabalho como ainda com sua bondade de coração procura dar às suas parturientes o auxílio material que lhes devia ser prestado pelo governo do Estado.

Disse-nos ela que trabalha há 33 anos e que sempre acontece ter de fazer os partos no chão por não ser possível arranjar, pela premência do tempo, camas emprestadas. Isto prova que a maioria da população não conhece o conforto de uma noite de descanso em um leito, depois de um fatigante dia de trabalho.

Além disso, para que as crianças que nascem tenham alguma roupa que lhes cubra os corpinhos, é necessário que esta mesma Sra. promova campanhas de solidariedade em benefício das pobres mães e assim consiga algum dinheiro para as primeiras necessidades após o parto.

Contou-nos para exemplo o caso de D. Adélia, mulher do operário João, que teve 3 gêmeos: Antônio, Pedro e Paulo. D. Adélia não tinha nem com que fazer um chá, nem um retalho para cobrir as crianças. D. Maria conseguiu com uma campanha levantar 31 metros de fazenda, mamadeiras, cobertor e 190 cruzeiros em dinheiro. D. Adélia pouco depois ficou com o marido paralisado e hoje trabalha dia e noite fazendo chapéus de palha de carnaúba para sustentar a casa e 8 filhos.

## DESEMPREGO E SALÁRIOS DE FOME

As ruas estão cheias de flagelados pedindo esmolas e o pouco trabalho que existe é pago com salários de fome. O ordenado de uma mulher é irrisório. Uma moça diplomada em comércio ganha nas lojas 300 cruzeiros por mês e as não diplomadas 150 a 200. Grande parte das mulheres trabalha nas olarias ganhando 4 a 5 cruzeiros por dia, ou nas fábricas de cigarros. A limpeza pública é feita por mulheres que trabalham dia e noite e ganham 6 cruzeiros por dia.

## TUDO É COMPRADO OU COBRADO...

Até a água de beber é comprada nas cacimbas. A Prefeitura mantém dois chafarizes públicos mas só tira água neles quem pagar 10 centavos a lata. Em 1947 a Coletoria Estadual recebeu Cr\$ 1.341.018,10 e em 1951 arrecadou 3.733.382,40. A Prefeitura Municipal recebeu em 1947 Cr\$ 547.625,00 e em 1951 Cr\$ 1.823.674,00. O imposto de vendas e consignações foi aumentado em 40%. Como se vê o Município rende... enquanto aumenta o roubo nos impostos.

## CAMPONESES SEM TERRA

Milhares e milhares de camponeses partem para o sul do país à procura de terras para trabalhar e o governo prometeu 15 mil hectares de terra fresca na Serra Grande a 400 famílias de italianos. Por quê? A justiça deve começar por casa; se falta para os nossos, como dar ao estrangeiro?

## MORTALIDADE INFANTIL

Com a vida de privações que levam as mulheres de Joazeiro, sem assistência de uma Maternidade sequer, só pode aumentar dia a dia a mortalidade infantil. As crianças são geradas em péssimas condições de vida e depois que nascem têm que enfrentar na sua fraqueza a dureza de uma existência de sofrimentos,

ditada pela incapacidade e falta de humanidade de nossos governantes.

A fim de dar a impressão real da situação reinante, nesse particular, no interior do nosso país, resolvemos colher alguns dados estatísticos e informações de pessoas idôneas e conhecedoras do assunto.

Entrevistei primeiro D. Blandina Sobreira, encarregada do necrotério desta cidade. Disse ela que os meses de dezembro a abril são aqueles em que morre mais gente. Informou com revolta que a grande maioria dos óbitos é da classe pobre e sempre por falta de proteção do governo.

Em seguida, falei ao Sr. Francisco Xavier, coveiro há mais de 30 anos. Disse-me ele que ocupa dois homens diariamente, para ajudar a fazer as covas, sendo a maioria absoluta de crianças até dois anos de idade. Mostrou-me uma estatística, onde se via que no ano de 1952, das 2.434 crianças que nasceram (das



Esse o aspecto doloroso das crianças do Nordeste, assolado pelas secas e pela fome.

quais aliás apenas 297 foram registradas e as outras apenas batizadas), morreram 1.258 até um ano de idade e 1.914 acima de um ano. Informa o coveiro que destes últimos, 70% são de crianças até 3 anos de idade.

## AS MULHERES DE JOAZEIRO DO NORTE REAGEM

Os 65 mil habitantes de Joazeiro do Norte, a célebre cidade do Padre C.ero, começam a compreender que a causa da fome, da miséria, da mortalidade infantil e da carestia de vida, é a política de guerra seguida pelo governo, especialmente pelo governo federal, que gasta o dinheiro da Nação com despesas de guerra. As mulheres de Joazeiro, que não têm interesse na guerra mas em obter alimento para seus filhos, revelam vivo espírito de luta em defesa da paz, de que deram mostras combatendo o Acórdo Militar com os Estados Unidos. Enviaram telegramas de protesto aos deputados e estão dispostas a tornar realidade as palavras de Elisa Branco: «Os soldados, nossos filhos, não irão para a Coréia!»

## Unidas, Nós que Representamos...

(Continuação da pág. 5)

Os grandes problemas do momento não ficaram esquecidos nesse apêlo firmado em Copenhague. «Unidas devemos exigir que o armistício seja concluído na Coréia, que cessem as guerras no Viet-Nam e Malaia. Devemos obter a solução pacífica dos problemas da Alemanha, da Áustria e do Japão; devemos incorporar-nos à luta emancipadora de nossos povos por sua independência nacional e a igualdade das raças. Ergamo-nos contra os blocos militares, contra as forças que ameaçam a paz».

— «Nós, que representamos uma força imensa — diz ainda o apêlo — podemos impôr, unidas, negociações que culminem na conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências.

Isso tornará possível a redução dos gastos militares que diminuem o nível de vida dos povos e ameaçam o porvir das crianças».

O apêlo, dirigido às mulheres de quaisquer nacionalidades, religiões, raças e opiniões políticas, concita ainda as mulheres a se levantarem contra a propaganda de guerra e de ódio entre os povos. «Nosso papel é capital na formação da juventude. Eduquemos nossos filhos no amor à paz, ao progresso, à amizade entre os povos!»

Uma das resoluções desse memorável conclave, que concita as organizações filiadas à F.D.I.M. a promoverem uma campanha de solidariedade a todas as mulheres presas e perseguidas por suas atividades em favor da paz, foi inspirada em uma proposta da delegação brasileira, apresentada por Elisa Branco à Comissão de Defesa da Paz. Símbolo vivo dessa luta e das perseguições que lhe movem os governos que se colocam ao lado da guerra, Elisa Branco recordou o exemplo de nossas bravas irmãs Maria Afonso Lins e Jean Sarquis.

# ATIVIDADES FEMININAS

## SOCIEDADE DAS DONAS DE CASA DE JOAZEIRO DO NORTE

EM meio a grande entusiasmo, presentes mais de cem mulheres, foi fundada no dia 11 de junho a Sociedade das Donas de Casa de Joazeiro do Norte, cidade do Ceará.

À assembléia de fundação da nova entidade, esteve presente a Sra. Bárbara Feitosa, secretária geral da Federação de Mulheres do Ceará, que ali foi saudar as mulheres de Joazeiro, que se fizeram representar, através de 4 delegadas, na importante Assembléia Regional realizada em Fortaleza durante o mês de março.

Presidiu a assembléia de fundação D. Maria José Baião, figura de grande prestígio entre a população de Joazeiro, por seu grande coração e como parteira competente. Iniciando os trabalhos, D. Maria José falou sobre as enormes dificuldades que existem nos lares pobres, pela falta de proteção dos poderes públicos, pela falta de maternidade, fome, doenças, etc. A seguir, D. Maria Dionísia de Jesus informou sobre a atuação da delegação de Joazeiro à Assembléia Regional. Falaram ainda as Sras. Maroli Gomes de Sousa e Beatriz Garcia.

Foi eleita então, democraticamente, a seguinte diretoria para a nova organização feminina, à qual se filiaram 91 mulheres:

Presidente — D. Maria José Baião; Vice-presidente — Maria Dionísia de Jesus informou sobre a atuação da delegação de Joazeiro roli Gomes de Souza; 1.º tesoureira — Betriz Garcia da Silva e 2.º tesoureira — Mundinha R. da Silva.

Como patrono da Sociedade, foi escolhido o fundador da tradicional cidade cearense, Padre Cicero Romão Batista.

## Em Apoio à Gréve dos Marítimos

DURANTE a combativa greve dos 100 mil marítimos, que empolgou o Brasil de norte a sul, destacou-se o apoio e a solidariedade que lhe prestou, na capital do Est. do Rio, a Associação Feminina Fluminense, especialmente pelo trabalho que realizou junto às espósas dos marítimos grevistas.

Dois dias após a declaração, realizou-se na sede da AFF uma grande assembléia, à qual compareceram dezenas de espósas de grevistas. Estas tinham sido convidadas através de volantes tendo sido distribuídos 5 mil dêles, no próprio Sindicato dos Marítimos, no bairro de Brasilândia (onde há concentração residencial de marítimos), Morro da Penha, Engenhoca e Pita.

Várias comissões percorreram a redação dos jornais e estações de rádio, pedindo solidariedade para os grevistas.

Na grande assembléia realizada, ficou evidenciada a importância de lutar contra o au-

mento dos gêneros de 1.º necessidade e ainda da maior participação das espósas junto dos grevistas.

Uma grande comissão, formada por 50 senhoras, a grande maioria das quais espósas de grevistas, dirigiu-se ao Sindicato após a realização da Assembléia. Ai foram recebidas com salvas de palmas.

Várias comissões foram formadas: de visitas, de propaganda, finanças. Na sede do Sindicato dos Têxteis, realizou-se também uma reunião, em que se pediu o seu apoio aos grevistas. Outras comissões visitaram as Fábricas Manufatura, de fósforos, de seda, etc. Também os sindicatos têxteis, de carris, dos padeiros e vi-

«MOMENTO FEMININO» cumprimenta as amigas de Joazeiro por sua brilhante iniciativa e augura êxitos nas atividades da nova associação.

## UNIÃO FEMININA DE ITUMBIARA (GOIÁS)

Acaba de ser fundada nova organização feminina, na cidade de Itumbiara. Vem-se destacando sua luta contra a carestia de vida; várias palestras já realizou também contra a assinatura do Acôrdo Militar, numa das quais se reuniram mais de 60 pessoas.



Associadas da União Feminina de Itumbiara, cidade de Goiás.

Mais de meia centena de telegramas foram enviados aos deputados federais, protestando contra a assinatura daquele acôrdo.

A U. F. de Itumbiara pretende realizar um Congresso contra a carestia, naquele município e consta também do seu plano de atividades a reestruturação da U. F. I. e organização de sua sede.

## CENTRO DE DONAS DE CASA DE STO. ANDRÉ (BELO HORIZONTE)

Acaba de ser fundado um Centro de combate à carestia, que reúne grande número de mulheres, no bairro de Santo André, da capital mineira. Na primeira reunião ficou resolvido: levar à COAP um abaixo-assinado, com 326 assinaturas, no qual se exige um aqougue popular para o bairro; nomear uma comissão incumbida de obter essa reivindicação, à custa de todo esôbrço necessário.

Foi debatido ainda o temário do recente Congresso Mundial de Mulheres e foram distribuídos cartazes de propaganda de «Momento Feminino».

dreiros foram visitados para o mesmo fim.

Como coroamento de todo êsse trabalho, foi fundada a União Feminina de Brasilândia, a qual redigiu um programa de luta. Lançando um abaixo-assinado em que se exige a baixa imediata dos preços dos gêneros de 1.º necessidade, uma das associadas obteve, num só dia 84 assinaturas.

A ajuda material dada pela As. Fem. Fluminense aos grevistas foi também digna de nota: inúmeras listas de contribuições foram levadas às casas comerciais, à Assembléia Estadual e a outras instituições.

Uma importante resolução tomada pela Comissão Central foi a de criar um Departamento Feminino no Sindicato.



Solenidade de instalação da Sociedade das Donas de Casa de Joazeiro do Norte — grupo de associadas e diretoria eleita.

### AGRADECIMENTO

«MOMENTO FEMININO» agradece à amiga Ana de Souza Rezende, residente na cidade de Palmeira, Goiás, o donativo de Cr\$ 35,00 que nos foi remetido.  
Obrigado, amiga!

# Vida de Momento Feminino

## Nosso 6º Aniversário

A 25 DE JULHO, completa mais um ano de existência o querido «MOMENTO FEMININO».

Amigas! Nosso jubilo maior ainda se torna, por significar este fato o coroamento dos esforços que todas nós, vimos fazendo, há 6 anos, para que ele viva e progrida! E, assim, jubilosas, vamos festejar o feliz aniversário, não?!... Vamos, sim, realizar festinhas familiares entre as amigas e leitoras, vamos onde for possível, promover palestras sobre «Momento Feminino» ou mesmo atos públicos sobre a Imprensa Feminina. Enfim, vamos comemorar festivamente esta data querida!

Entretanto, devemos saber que não basta festejar o aniversário da nossa Revista, conhecedoras que somos da penosa situação financeira que atravessa, pelo que ainda mais dedicação e sacrifícios ela requer das suas amigas fiéis, para ajudá-la a vencer as grandes dificuldades da sua manutenção.

Em vista de haveremos feito já este ano uma finança especial para o envio de uma Delegada de «Momento Feminino» ao Congresso Mundial de Mulheres, trabalho este ajudado em grande parte por todas nossas amigas de Norte a Sul do país, resolvemos então não fazer a nossa costumada rifa «PRESENTE DE ANIVERSÁRIO». Mas, nem por isso, deixamos de pedir o presente de que a aniversariante se sente merecedora e necessitada.

Sabem as amigas, como podem dar esse presentinho?

Enviando qualquer coisa: um objeto, um livro, uma «bijuteria», um lenço, um trabalhinho feito pelas próprias mãos, como: uma toalha, um paninho bordado, um quadrinho pintado, um sapatinho ou qualquer peça de tricô ou de crochê, uma renda de almofada, etc. Tudo isto poderemos vender bem, aqui no Rio. Também, se quiserem, podem as amigas promover uma pequena rifa, ou leilão de um objeto, os quais podem, entre outras finanças, ser feitos também nas festas ou reuniões comemorativas do aniversário.

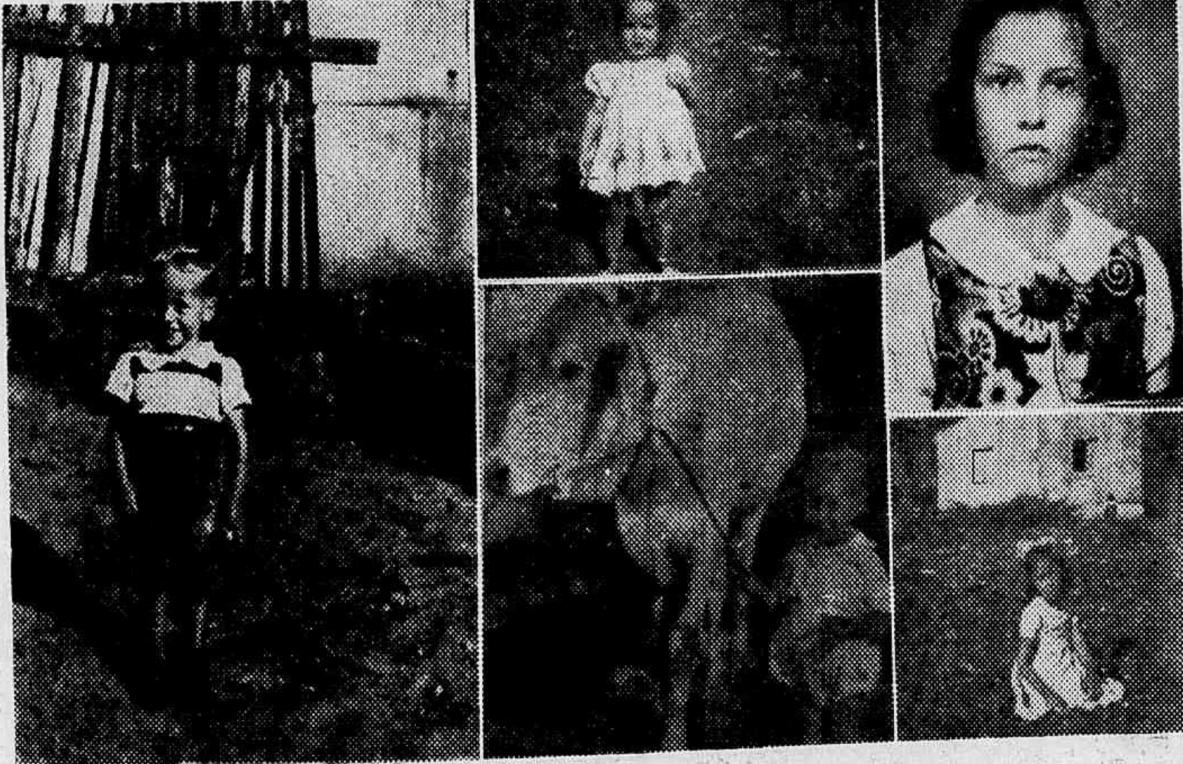
Qualquer ajuda, por menor que seja será útil. Não se acanhem de enviar uma prenda singela, ou mesmo 10, 20 cruzeiros, se não puderem enviar quantias grandes! São cerca de 10.000 leitoras; vejam bem! Se todas quisessem auxiliar, que presentão não ganharia a aniversariante!

Assim sugerindo, pensamos facilitar às amigas o envio do «PRESENTE DE ANIVERSÁRIO», o qual esperamos o mais breve possível, agradecendo, sinceramente, desde já.

VIVA O DIA 25 DE JULHO!  
VIVA «MOMENTO FEMININO»!

## NOSSOS

## GAROTOS



Abel, João Luiz, Marina, Altamir e Leonor dos Santos Reigota. — Itapetininga, Est. S. Paulo

### NOVOS REPRESENTANTES:

Goiás — ITUMBIARA — Dirce Testa .....	mais 10 ex.
Minas Gerais — NOVA LIMA — M. Felicidade Silva .....	» 15 »
Minas Gerais — JUIZ DE FORA — Helena Oliveira .....	» 60 »
Minas Gerais — PORTO NOVO — Marina Fani ...	» 10 »
R. G. Sul — NOVO HAMBURGO — Amantina Moraes .....	» 20 »
Est. Rio — CAXIAS — M. José Alexandre .....	» 70 »
S. Paulo — CANDIDO MOTA — M. Lourdes Vieira .....	» 10 »
S. Paulo — ST. MERCEDES — M. Canuto Oliveira .....	» 10 »
S. Paulo — PARAG. PAULISTA — Dirce Raymundo .....	» 10 »
S. Paulo — ST. ANASTÁCIO — Alzira Gabeloni ...	» 10 »

### AUMENTARAM SUAS COTAS:

Goiás — PIRES DO RIO — Rita Batista .....	» 20 »
Paraná — CORN. PROCÓPIO — Jamile Adad .....	» 10 »
R. G. Sul — RIO GRANDE — Talitha Aveline .....	» 10 »
S. Paulo — Assis — Cacilda Pereira .....	» 20 »
S. Paulo — ST. ANDRÉ — Hermelinda Silva .....	» 15 »
St. Catarina — FLORIANÓPOLIS — Rita Malheiros ..	» 20 »

Total do aumento .....

### DIMINUIRAM SUAS COTAS:

Est. Rio — ITAPERUNA — Leopoldina V. Gonçalves .....	menos 10 ex.
S. Paulo — S. CARLOS — Rosa Cunha .....	» 15 »
S. Paulo — CAPITAL — Elza Batista .....	» 300 »

### SUSPENDERAM SUAS COTAS:

Goiás — ARAGARÇA — Distr. Zelia Ltda .....	» 20 »
Goiás — CATALÃO — Mariana B. da Silva .....	» 20 »
S. Paulo — BATATAIS — Jandira L. Teixeira .....	» 25 »
S. Paulo — CURAÇAI — Esmeria Leoncine .....	» 10 »
S. Paulo — ST. ANASTÁCIO — Marina Pais Lemos ..	» 5 »

A REDAÇÃO DE MOMENTO FEMININO resolveu suspender a remessa das revistas que vinha fazendo para as localidades abaixo mencionadas, por falta de pagamento e por haverem as revistas sido devolvidas:

M. Gerais — JUIZ DE FORA — Sr. Gerard Lopes Lafalse ..	50 ex.
Est. Rio — VOLTA REDONDA — Júlia Azevedo .....	40 »
Total da diminuição .....	menos 495 exemplares

## Atenção! Atenção! Paguem suas Dívidas!!!

Rogamos ao nossos Representantes abaixo mencionados que procurem amortizar suas contas correntes para com MOMENTO FEMININO, urgentemente. Como podem verificar seus débitos são demasiado grandes. Isto acarreta sérios e grandes com-

promissos para com a vida da Revista. Este ano tiramos somente 2 números e já estamos finalizando o sexto mês do ano. Com o total da soma abaixo especificada, poderíamos ter tirado mais duas edições de MOMENTO FEMININO.

Contamos com a compreensão de nossos representantes e esperamos que correspondam satisfatoriamente a este nosso angustioso apêlo.

	Cr\$
Amazonas — Manaus .....	932,10
Bahia — Salvador ..	6.077,00
Ceará — Fortaleza ..	7.499,00
M. Gerais — Uberlândia ..	1.118,00
Pará — Belém .....	939,00
R. G. Sul — P. Alegre ..	2.544,00
R. G. Sul — Uruguaiana ..	994,00
S. Paulo — Santos ..	1.980,00
S. Paulo — Sto. André ..	1.099,00
S. Paulo — Capital ..	8.155,00

Total .....

De todos os nossos representantes acima mencionados, o único que vem procurando liquidar sua conta é a nossa representante de Santo André (Est. de S. Paulo), dona Nubias Poianas, que tem nos enviado regularmente direito por conta da dívida.

Que este exemplo seja seguido por todas as nossas devedoras.



**SUETER COM DESENHOS GEOMÉTRICOS EM JACQUARD.  
TAMANHO 42**

**MATERIAL:** 500 g de lã 3 fios. Agulhas n.º 2½, um pouco de lã em 3 tons diferentes.

O modelo é em vermelho, branco e amarelo.

**MEDIDAS:** Altura da frente: 54 cm. Busto: 88 cm. Largura dos ombros: 37 cm. Comprimento de manga: 25 cm.

**PONTOS EMPREGADOS:** Gaita 1 e 1, Jêrsei e pt. jacquard, (esquema pág. 23).

**EXECUÇÃO: COTAS.** Montar em agulhas 1½ 23 cm de pt. gaita 1 e 1 (mais ou menos 110 pts.), sôbre 4½ cm de altura. Continuar em ponto jêrsei em agulhas n. 2, fazendo de cada lado 1 aumento de 2 em 2 carreiras, durante 22 cm. Rebrater de cada lado para a cava 3 pts., 12 vêzes 1 pt., e fazer 14 cm direitos até o ombro, que se rebate em 5 vêzes sôbre 14 cm de comprimento. Rebrater para o decote em 1 vez os pts. restantes do melo.

**FRENTE DIREITA:** Montar 18 cm de pt. gaita 1 e 1 (mais ou menos 78 pts.) sôbre 4½ cm de altura. Começar o pt. jacquard a 12 pts. da beira (meio), conforme o esquema. A beira que forma o melo da frente, faz-se direita sôbre 23 cm. Fazer 1 aumento de 3 em 3 cm durante 22 cm.

Rebrater para a cava 10 pts. e 10 vêzes 1 pt. e fazer 12 cm em direitos até em cima, quando se rebate o ombro em 5 vêzes.

Sôbre a frente, a 23 cm da base, rebrater para o decote pt. por pt. Quando tiver 14 cm de largura, continuar direito até o ombro, que se rebate como a parte das costas. Fazer a outra parte da mesma forma, vis-à-vis.

**MANGAS:** Montar 30 cm em pt. jêrsei, fazer 1 cm, depois 1 carreira av. sôbre dr. para dobrar a bainha, tricotar 9 cm e fazer um aumento de cada lado de 1 em 1 cm. Rebrater para a cava de cada lado 4 pts., depois pt. por pt.; quando tiver 18 pts. na agulha rebrater em 1 vez. Passar a ferro. Juntar as partes. Fazer, para bordar as frentes e o decote, uma tira de 10 pts. em pt. gaita de 1 e 1. Fazer as casas na mesma, começando a 1.ª a 2 cm da beira e as outras, 4 a 6½ cm umas das outras. Coser a sueter com pt.

